

Uma Cidade de Imagens
Produções e Consumos Visuais em Meio Urbano

Ricardo Campos,
Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli (organizadores)

UM CIDADE DE IMAGENS

PRODUÇÕES E CONSUMOS VISUAIS EM MEIO URBANO

Andrea Mubi Brighenti
Catarina Frois
Fabio La Rocca
Fabrício Lopes da Silveira
James Dickinson
José Alberto Simões
Luiz Eduardo Robinson Achutti
Luciano Spinelli
Lorenzo Tripodi
Maria da Nazareth Agra Hassen
Michel Maffesoli
Olavo Ramalho Marques
Renato Miguel do Carmo
Ricardo Campos
Sandra C. S. Marques



LISBOA, 2011

© Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli (organizadores), 2011

Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli (organizadores)
Uma Cidade de Imagens. Produções e Consumos Visuais em Meio Urbano

Primeira edição: Novembro de 2011
Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-8536-03-07
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Concepção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Nuno Fonseca
Foto da capa: Luciano Spinelli
Revisão de texto: Isabel Lacerda
Impressão e acabamentos: Publidisa, Espanha

Este livro foi objecto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
site: <http://www.mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras.....	vii
Sobre os autores.....	ix
Introdução	1
<i>Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli</i>	
Parte I A visualidade urbana	
1 Identidade, imagem e representação na metrópole	15
<i>Ricardo Campos</i>	
2 “Imaginacões”	31
<i>Andrea Mubi Brighenti</i>	
3 O mundo é “enrugado”	41
<i>Renato Miguel do Carmo</i>	
4 A cidade visual	51
<i>Fabio La Rocca</i>	
Parte II Imaginários, imagéticas e ficções urbanas	
5 A cidade e a imersão imagética	69
<i>Michel Maffesoli</i>	
6 “Killadelphia”	77
<i>James Dickinson</i>	
7 “Comer na Índia é perigoso!”	103
<i>Sandra C. S. Marques</i>	

8	Outros grafites. Outras topografias, outras medialidades.....	123
	<i>Fabício Lopes da Silveira</i>	
9	Circuitos digitais e práticas culturais juvenis	139
	<i>José Alberto Simões</i>	
10	Ilhas securitárias	155
	<i>Catarina Frois</i>	
11	Imagens, paisagens e tempos na metrópole contemporânea	167
	<i>Olavo Marques</i>	
Parte III Ensaaios fotográficos		
12	Uma pequena cidade em novos tempos	187
	<i>Luiz Eduardo Robinson Achutti e Maria de Nazareth Agra Hassen</i>	
13	Cidade de telas	205
	<i>Lorenzo Tripodi</i>	
14	O subsolo imaginado.....	221
	<i>Luciano Spinelli</i>	

Índice de figuras

4.1	Vista a partir do interior do autocarro, Nova Iorque	53
4.2	Intensificações visuais, Times Square, Nova Iorque	54
4.3	Comunhão ecrânica, La Défense, Paris.....	55
4.4	Publicidade ecrânica, East Side Gallery, Friedrichshain, Berlim	56
4.5	Fusões luminosas, East Village, Nova Iorque	57
4.6	iPad, Old Street, Londres	58
4.7	Archi-pub, Tribeca, Nova Iorque	59
4.8	Blu, Berlim	60
4.9	<i>“We’re in Brooklyn”</i> , Williamsburg, Nova Iorque	61
4.10	Iconicidades, Bairro Kulesi, Istambul	62
4.11	Zoning, Metro Bercy, Paris.....	63
4.12	Docks, Londres	64
4.13	Pichação, São Paulo	65
6.1	Tipologia de referências à violência na cultura visual urbana	82
6.2	Memorial RIP (Lenny)	83
6.3	Memorial RIP (<i>Fat Cat</i>)	83
6.4	<i>The Wall</i>	84
6.5	Memorial de beira de estrada	86
6.6	Memorial de beira de estrada à morte de um polícia.....	87
6.7	Retrato de Veronica Rios	87
6.8	Mural <i>Forgiveness</i>	89
6.9	Mural memorial a Ortiz.....	89
6.10	Mural da 34. ^a esquadra de polícia	90
6.11	Placa de polícia-herói	92
6.12	Cartaz Moms Against Guns.....	93
6.13	Cartaz Mothers in Charge	94
6.14	Póster de Baseman.....	95
6.15	<i>Graffito</i> institucional modifica o <i>graffito</i> real	97
6.16	<i>“Hello. My name was...”</i>	98
7.1	<i>The Butchers at Calcutta Market</i> , India, Kolkata, 2005	110

7.3	<i>The Butchers at Calcutta Market</i> , India, Kolkata, 2005	114
8.1	Exemplo da técnica e do estilo de KR	125
8.2	Exemplos da técnica e do estilo de Swoon	126
8.3	Ron English em acção	128
8.4	Exemplos da técnica e do estilo de ZEVS	135
10.1	Câmaras tubulares, estação do Metropolitano de Lisboa, Saldanha	159
10.2	Câmara <i>Speed Dome</i>	160
10.3	Sala de controlo e de monitorização, Guarda Nacional Republicana, posto territorial de Fátima, destacamento de Tomar	161
10.4	Sala de controlo e monitorização, Polícia de Segurança Pública, Ribeira do Porto destacamento de Tomar	162
13.1	Alto-falante em Piazza Grande, Bolonha	205
13.2	Piazza della Repubblica, Florença	206
13.3	Intervenção artística patrocinada pela marca <i>Diesel</i> , Milão	207
13.4	Nova Iorque, Times Square	208
13.5	Leipziger Platz	209
13.6	Berlim, Potsdamerplatz	210
13.7	Roterdão	211
13.8	Berlim	212
13.9	Milão, transporte público	213
13.10	Bruxelas	214
13.11	Florença	215
13.12	Nova Iorque, Times Square	216
13.13	Berlim	217
13.14	Berlim, campanha contra a expulsão de imigrantes	218
13.15	Berlim, <i>street art</i>	219
13.16	Nova Iorque	220

Introdução

Um olhar sobre as imagens urbanas

Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli

A relação entre a cidade e a imagem é uma temática que tem sido desenvolvida nos últimos anos pelos organizadores deste livro, quer individualmente, quer no seio do grupo de pesquisa multidisciplinar On Walls.¹ No âmbito desta rede, alguns seminários internacionais foram realizados² e foi lançada uma primeira obra, *The Wall and the City* (Brighenti, 2009), que reúne o trabalho de diversos investigadores pertencentes a este colectivo. Esta tem sido, igualmente, uma matéria abordada de forma transversal nas linhas de investigação desenvolvidas pelo Laboratório de Antropologia Visual do Centro de Estudo das Migrações e Relações Interculturais (LabAV-CEMRI), nos últimos anos, sendo particularmente evidente nos seminários internacionais “Imagens da Cultura/Cultura das Imagens”, que têm decorrido em Portugal, no Brasil e em Espanha.³ Diversas publicações reflectem o investimento científico realizado neste campo (Campos, 2008, 2009a, 2009b, 2009c, 2009d, 2010a, 2010b).

No decurso deste conjunto de iniciativas, propusemos a um conjunto de académicos e investigadores, provenientes de áreas académicas distintas, com maior ou menor familiaridade com o panorama dos estudos visuais na actualidade, a elaboração de um texto que retratasse a forma como entendem a articulação entre a cidade e a imagem. O resultado desse repto está compilado neste livro. O que é surpreendente é a facilidade com que vários autores, alguns dos quais nunca antes tinham pensado com profundidade esta relação, descubrem associações entre a cidade e o mundo das imagens. Talvez tal não seja tão surpreendente se pensarmos que as imagens contemporâneas — e por elas entendemos aquelas que são tecnologicamente

1 <http://www.onwalls.professionaldreamers.net/>

2 O primeiro encontro, denominado Città al Muro, foi realizado em 2008 na cidade de Trento (Itália). O segundo evento decorreu em Lisboa, em 2009, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, sob o título *Interstices: Carving and Painting Urban Environments*. Alguns desses artigos foram reunidos num dossiê da revista *Fórum Sociológico* (Brighenti e Campos, 2008) sob a denominação “Explorando os interstícios urbanos”.

3 O Laboratório de Antropologia Visual do CEMRI organiza, desde 2004, em parceria com a Universidade de Múrcia e a Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, um seminário anual com a denominação *Imagens da Cultura/Cultura das Imagens*, que reúne investigadores de distintas proveniências disciplinares.

forjadas — germinaram em meio urbano e desde então têm habitado, privilegiadamente, neste território. Esta circunstância não se deve apenas a uma maior concentração dos meios de produção e de disseminação de imagens, mas também ao facto de estas se terem constituído, paulatinamente, como protagonistas do cenário visual metropolitano.

A relação entre a imagem, a visualidade e o mundo urbano, apesar de ser extremamente relevante, tem estado algo arredada do debate científico em ciências sociais, particularmente no contexto académico português. Todavia, o gradual interesse despertado pela área da *cultura visual*, ao qual não é indiferente a saliência que a imagem e as tecnologias visuais têm adquirido no nosso quotidiano, incentiva a novas leituras do espaço urbano mais atentas a estas dimensões.

Sendo estes conceitos fundamentais e não propriamente transparentes, importa fazer uma breve referência à forma como os abordamos nesta obra. Debruçemo-nos, em primeiro lugar, sobre a *imagem*, um conceito múltiplo, endereçando para uma miríade de objectos, que mais se assemelha, de acordo com Mitchell (1986), a uma *grande família* com diversas ramificações (imagens gráficas, ópticas, perceptivas e verbais). Aquilo que define as imagens é, a nosso ver, o facto de serem entendidas enquanto artefactos produzidos pelo homem, visando a representação visual de algo, com base em determinadas convenções culturais. Por seu turno, o domínio da *visualidade* refere-se à forma como o olhar é culturalmente modelado, sugerindo a existência de modos plurais de olhar, em função dos contextos históricos, socioculturais e geográficos. A *visibilidade* invoca todo um horizonte perceptível, que se oferece ao nosso olhar e, como tal, se encontra à superfície visível do mundo. No entanto, devemos ter em consideração que este é um domínio, também ele, social e historicamente forjado, na medida em que o visível (e por consequência o invisível) é o resultado da forma como o homem manipula o seu ambiente e lhe confere identidade simbólica, é uma esfera da acção humana (Brighenti, 2007, 2010). Estas são, obviamente, dimensões intimamente interligadas, sendo difícil apartá-las em termos teóricos e analíticos quando empreendemos uma pesquisa tendo por objecto qualquer fenómeno da esfera imagética.

A cidade afigura-se um território onde as imagens conquistam um peso importante na forma como nos relacionamos socialmente, como entendemos o meio em nosso redor e nos orientamos nele. Actualmente, as imagens e os dispositivos visuais desempenham funções muito diversificadas, sendo apropriados por distintas entidades e grupos sociais como mecanismos fundamentais para a acção. A publicidade que toma o espaço público, a videovigilância sob o controlo do Estado, as gramáticas subversivas representadas pelos *graffiti* e pela *street art* ou os estilos juvenis urbanos, são, entre muitos outros exemplos, fenómenos que nos demonstram a crucial relevância de um estudo mais detalhado das práticas e das estratégias engendradas pelos diferentes actores nestas operações que buscam adquirir visibilidade no espaço público urbano, intervindo na ecologia visual urbana (Denis e Pontille, 2010). A partir desta perspectiva, as temáticas relativas à visualidade e à visibilidade necessitam de ser conceptualizadas não apenas como reportórios simbólicos, mas como protagonistas da forma como se constrói o próprio ambiente urbano.

Neste cenário, acentua-se a pulsão escópica e a vertigem imagética. A cidade pós-moderna tem sido representada por diferentes autores como um território subjugado ao domínio do comércio e do espectáculo sendo, de alguma forma, um reflexo obsidiante dos cenários e dos imaginários distribuídos pelas indústrias dos *media*. A fabricação de uma cidade voltada para o consumo (com a multiplicação dos seus lugares de culto, vulgo centros comerciais) e para uma gentrificação urbana mais preocupada com a capacidade de sedução visual reflecte-se na crescente colonização do espaço público como lugar de consumo visual. Deste modo, tendem a multiplicar-se os suportes e canais de comunicação visual, insinuando a existência de um cidadão que, progressivamente, se desdobra num mero espectador do espectáculo urbano. A ideia de encenação está sempre latente. As vitrinas das lojas, os *placards*, os transportes públicos e as fachadas dos edifícios transvestidos convertem-se em suportes comunicativos, revelando uma cidade conquistada pelo imperativo da comunicação publicitária. Todavia, para além do — ou eventualmente através do — consumo e do lazer, as imagens também se podem afirmar como protagonistas de lógicas conflituais, que marcam decisivamente a transformação dos lugares urbanos — um verdadeiro *iconoclash* (Latour e Weibel, 2002; Schachter, 2008).

Acresce a esta significância simbólica da materialidade cidadina, a forma como os indivíduos e grupos contribuem para a construção de uma peculiar cultura visual urbana. A crescente *estetização* (Featherstone, 1991; Maffesoli, 1987, 1993) e *estilização* (Ewen, 1988) da vida, associadas a uma maior *reflexividade e monitorização dos visuais* (Giddens, 1992, 1994), derivam numa clara preocupação pela visualidade enquanto campo de distinção simbólica. Esta é uma condição que, de alguma forma, se articula com uma tendência histórica para a progressiva *visualização da existência* (Mirzoeff, 1999) como reverberação de uma sociedade ocularcêntrica. Fenómenos originalmente não-visuais são, crescentemente, representados pictoricamente, sendo que os processos representacionais incorporam, sempre, um quadro de entendimento do próprio fenómeno intimamente associado aos contextos de criação imagética (Pauwels, 2006). Consequentemente, os mecanismos representacionais nunca são inócuos e transparentes, as tecnologias e os modos de olhar articulam-se para produzir formas ideologicamente coerentes e aceites de retratar o mundo. O campo da visibilidade insere-se no território citadino não se resume apenas a dinâmicas de encenação imagética, mas inclui diferentes *modos de olhar* (Berger e outros, 1972; Goodwin, 1996) — tanto especializados como ordinários —, que são empregues na própria constituição material do espaço urbano.

A centralidade da visualidade na cidade não é uma condição recente, tendo sido identificada como um fenómeno relevante pelo menos desde o início da sociologia. Alguns dos mais famosos estudiosos e narradores da experiência urbana, em finais do século XIX e durante a primeira metade do século XX, destacam a importância do olhar e da imagem na vivência da metrópole.⁴ George Simmel argumentava que a cidade exercia uma poderosa impressão sobre os sentidos humanos,

4 Alguns dos primeiros teóricos sobre o urbano, como Georg Simmel, notaram a relevância desta dimensão, embora estivessem particularmente concentrados na natureza turbulenta da experiência visual na cidade (Füzesséry e Simay, 2008).

particularmente a visão (Simmel, 1997 [1903]). Décadas mais tarde, Louis Wirth (1997 [1938]) entende que a cidade valoriza o reconhecimento visual, sendo esta uma competência fundamental numa atmosfera marcada pela heterogeneidade e pelo anonimato. Autores clássicos como Walter Benjamin (1997 [1935]) e Michel de Certeau (1984) também se referiram à especificidade da experiência ocular urbana e às relações visualmente mediadas presentes na cidade.

Os aparatos técnicos e tecnológicos de circulação e mediação de imagens também participam de forma evidente na sincronização e *des-sincronização* da acção no espaço urbano, produzindo ambientes carregados de uma atmosfera singular. As imagens urbanas não constituem um domínio apartado da acção, pelo contrário, são parte integrante das cadeias de acção e de emoção através das quais se fabrica, perpetua e transforma a cidade. Através da acção, incluindo as suas articulações tecnológicas, o domínio estético do visual funde-se com o domínio político, como é evidente na elaboração de murais políticos, na invenção de estéticas subversivas e subculturais ou na produção de eventos sociais de resistência e de conflito devidamente encenados para os *media* (os inevitáveis acontecimentos que ganham visibilidade e impacto nos telejornais). Esta é, portanto, uma problemática complexa, que invoca uma série de considerações sobre a natureza ideológica, política e estética dos aparatos visuais e das distintas formas de olhar (e de ser olhado).

Ao evocarmos esta temática estamos, também, a provocar um debate mais alargado sobre uma das questões epistemologicamente mais controversas em ciências sociais: o papel da imagem enquanto recurso de investigação e de comunicação. Na verdade, talvez a polémica não exista verdadeiramente, uma vez que persistimos em ignorar a imagem ou, quando não o fazemos, a admitamos com um misto de fascínio e de condescendência, sem nunca atendermos ao seu real potencial heurístico. E se as imagens nos dissessem, de facto, algo sobre a realidade social? E se estas pudessem, de alguma forma, transmitir-nos algo sobre o mundo, que não pode ser veiculado de outro modo, dando-nos a conhecer outras facetas da nossa vivência humana? O sociólogo Howard Becker (1974, 1995) acredita seriamente que sim, afirmando-se um acérrimo defensor do diálogo entre a fotografia e as ciências sociais. Becker argumenta, igualmente, que existe uma continuidade fundamental entre diferentes práticas visuais, dentro e fora da pesquisa social. A diferença entre a sociologia visual, a fotografia documental e o fotojornalismo, insiste este sociólogo, reside apenas no seu contexto de emprego e de apresentação, não sendo intrínseca à natureza da imagem realizada. O que é facto é que a relação entre as ciências sociais e as tecnologias de imagem é longa e conturbada. Desde a invenção das tecnologias mecânicas de reprodução em imagem que os dispositivos de registo visual foram empregues para retratar múltiplos aspectos da vida social. Indumentárias, arquitectura, tecnologias, corpos ou rituais foram, ao longo da nossa história, alvo das objectivas dos pesquisadores.

A antropologia, dadas as características do seu projecto epistemológico, desde muito cedo procurou incorporar as técnicas de captação visual nos seus procedimentos (Ribeiro, 2004). A construção do olhar sobre a alteridade contou com o auxílio precioso da fotografia e, mais tarde, do filme. Pelo contrário, a sociologia, apesar de um período particularmente promissor da escola americana, dificilmente

soube como integrar as imagens no seu discurso científico. Como resultado, a institucionalização da sociologia visual apenas remonta à década de 80 do século passado. O estatuto periférico e provisório da imagem em sociologia parece dever-se, igualmente, ao facto de esta não encontrar um lugar epistemologicamente seguro no quadro dos dois paradigmas clássicos das ciências sociais, o quantitativo e o qualitativo, argumenta Jon Prosser (2000).

Daí que, dificilmente, se vislumbre um espaço onde incluir as imagens na forma como pensamos e interpretamos o mundo. O que acontece frequentemente é que “teorizamos o que vemos” (Chaplin, 1994: 2), persistimos em assumir a proeminência do verbal sobre o visual sendo o último, quando é de alguma forma resgatado para o debate, subsidiário do primeiro (Ball e Smith, 1992; Chaplin, 1994). Por isso, ao longo da história das ciências sociais, a contribuição da imagem para as tarefas de perscrutação da realidade social e de divulgação de conhecimento tem sido razoavelmente ignorada perante a autoridade da palavra.

Apesar desta relação atribulada, os tempos mais recentes parecem anunciar uma mudança de atitude. Fruto, eventualmente, da expansão sem precedentes das tecnologias audiovisuais e de uma relativa democratização de acesso às mesmas, que se tem verificado nas últimas décadas, a academia parece mais predisposta a acolher a visualidade como uma dimensão importante do seu trabalho. A nível internacional, as áreas científicas da sociologia visual, antropologia visual e estudos visuais têm crescido significativamente, bem como as diferentes ofertas de formação neste domínio.⁵ As repercussões desta tendência também se têm feito sentir em Portugal, com uma paulatina abertura da academia às metodologias e formas de narrativa visuais.

Longe de nós querermos enveredar pela contenda, algo inconsequente, mantida entre aqueles que defendem acerrimamente a supremacia de uma ou outra linguagem. Do confronto entre a palavra e a imagem surgem múltiplos caminhos exequíveis e as possibilidades de diálogo são inúmeras e, a nosso ver, vantajosas por variadas razões. Aos autores aqui reunidos foi dada liberdade para utilizarem as imagens sob a forma, obviamente, de fotografias. E estas foram, por alguns, profusamente usadas. Tal não é surpresa quando nos propomos trabalhar sobre as imagens na e da cidade. Curiosa é, no entanto, a pluralidade de abordagens da imagem fotográfica em articulação com a palavra, demonstrando-nos que esta pode, de facto, compreender variadas funções e propósitos comunicacionais. Assim, a fotografia ora se apresenta como recurso estilístico (incentivando o leitor-observador a desfrutar da estética da imagem), ora como recurso epistemológico (servindo para reforçar, descrever ou descodificar situações em análise). Daí que tenhamos deixado ao critério dos autores os moldes sob os quais a fotografia poderia ser empregue como dispositivo retórico, concedendo espaço ao

5 Ver, por exemplo, a International Visual Sociology Association (IVSA) (<http://www.visualsociology.org/>) e a Society for Visual Anthropology (SVA) (<http://societyforvisualanthropology.org/>), associações criadas em meados da década de 80.

ensaio de formas mais inovadoras e experimentais de uso da fotografia no âmbito dos discursos de natureza científica.⁶

Detenhamo-nos, agora, sobre o conteúdo desta obra. O livro *Uma Cidade de Imagens* procura debater e teorizar o papel actualmente desempenhado pela imagem, pela comunicação visual e pela visualidade na cidade contemporânea, a partir de uma tripla abordagem:

- 1) A cidade como *lugar del/para as imagens*: imagens que habitam o espaço público urbano, que contribuem para o seu cenário visual e para a forma como os diferentes actores representam a metrópole e agem no território (publicidade, arte urbana, *graffiti*, *street art*, *design*, arquitectura, etc.). Estas imagens participam de uma ecologia visual urbana, moldando a paisagem metropolitana e outorgando-lhe uma atmosfera singular, que age directamente sobre os actores sociais.
- 2) A cidade como *objecto do olhar*: a cidade como arena de visibilidade, onde se constroem discrepantes modalidades de *ver* e *ser visto* e onde se forjam imagens tecnologicamente mediadas (videovigilância, fotografia turística, cinema, etc.). Referimo-nos a imagens fabricadas em contextos particulares, que têm por alvo formas e fenómenos urbanos menos visíveis (ou invisíveis) e que exigem estruturas complexas e competências especializadas de leitura das suas dinâmicas (câmaras de videovigilância, plataformas cartográficas digitais, etc.), mas igualmente a imagens produzidas pelo homem comum no seu dia-a-dia na cidade (fotografias e vídeos turísticos, registos fotográficos do quotidiano, etc.).
- 3) A cidade como *objecto de estudo* e de *representação científica através da imagem*: o papel das denominadas metodologias visuais (fotografia e vídeo) na construção de dados analíticos e na representação dos distintos objectos urbanos de pesquisa, endereçando para uma reflexão epistemológica relativa às articulações entre o visível, o visual e os métodos de estudo dos fenómenos sociais.

Consideramos que, dada a amplitude das questões de natureza teórica e empírica desencadeadas pela temática apresentada, era imprescindível e vantajoso do ponto de vista científico cruzar diferentes olhares disciplinares e patrimónios de estudo. Neste sentido, as várias contribuições reunidas neste livro provêm de áreas como a sociologia, a antropologia, as ciências da comunicação ou a arquitectura. À multidisciplinaridade das perspectivas procurámos acrescentar uma pluralidade de contextos empíricos, que, de alguma forma, também retratam a internacionalização do debate científico. Várias cidades, de diferentes continentes, serviram de mote aos autores para, através de roteiros mais tradicionais ou recorrendo a formatos metodológicos menos comuns, deslindarem a influência do visual e da imagem na vida metropolitana contemporânea.

6 Alguns autores têm privilegiado a autonomia das narrativas visuais e a sua capacidade de diálogo estético com o leitor, razão que justificou, por exemplo, a não inclusão propositada de legendas nas fotografias apresentadas nalguns dos artigos.

A obra reúne catorze textos organizados em três partes. A primeira parte acolhe contribuições de índole mais teórica, servindo como ponto de partida para um debate conceptualmente fundamentado sobre a temática da *visualidade urbana*. A segunda parte destina-se a diferentes exemplos de pesquisas, que procuram responder a algumas das questões anteriormente enunciadas. O título desta secção, “Imaginários, Imagéticas e Ficções Urbanas”, pressupõe uma conexão entre a visibilidade da cidade e a construção social do imaginário urbano. Ancorados em distintas tradições de estudo e reportando-se a terrenos geográficos e culturais distintos, os contributos apresentados permitem-nos reflectir sobre alguns dos tópicos mais frequentemente abordados pelos estudos visuais contemporâneos, como sejam a arte pública, a vigilância, as tecnologias e os circuitos digitais ou as representações turísticas. A última secção é aquela que, provavelmente, corresponde à proposta mais inovadora (e eventualmente a mais controversa) desta obra, na medida em que se configura como um espaço onde a imagem alcança um estatuto retórico privilegiado. Sabemos até que ponto o ensaio fotográfico é um formato ignorado, para não dizer menosprezado, pelas ciências sociais. Foi nosso propósito, por isso, reabilitar este modelo, solicitando contributos de autores que privilegiam a hibridiz dos discursos, buscando um diálogo entre o domínio estético e o epistemológico. Os ensaios fotográficos são, assim, testemunhos visuais destes académicos que, através do diálogo entre a escrita e a imagem, nos oferecem singulares retratos metropolitanos.

A primeira parte é inaugurada por Ricardo Campos, que aborda a imagem em meio urbano como estando particularmente vinculada aos processos de construção identitária e de *performance*, num contexto social de crescente estetização e estilização do quotidiano. Tomando como exemplo as culturas juvenis urbanas, o autor demonstra-nos como a cidade se afirma como um palco para exercícios no campo da visibilidade, que, em muito, estão conectados a uma rede mais extensa de circulação de imagens e de imaginários que alimenta as indústrias culturais e mediáticas. O autor argumenta, por isso, que um meio urbano mergulhado em imagens, com tendência a complexificar os mecanismos de visualização da existência e de simbolização visual dos conteúdos culturais, exige actores cada vez mais competentes ao nível do uso dos recursos da visualidade.

Brighenti inicia o seu ensaio por, provocadoramente, se questionar sobre o real valor das imagens nos estudos urbanos. Dada a abundante, e ainda crescente, literatura sobre a comunicação visual, consumo e desfrute visual da cidade, a importância das imagens parece ser uma evidência trivial. Mas como devem as imagens ser conceptualizadas? Brighenti invoca correntes recentes nos estudos urbanos, que têm questionado o papel *espectacular* das imagens insertas no tecido urbano. Rejeitando a ideia de que as imagens apenas providenciariam uma conexão frágil e desligada sobre a qual se desenrolaria a acção social, o autor sugere a integração das noções de acção, imagem e imaginação num único conceito a que dá o título de *imaginacção*. *Imaginacções* possibilita-nos conceptualizar o funcionamento das imagens na esfera sociomaterial como formas de acção e, simultaneamente, como verdadeiros territórios sociais.

O ensaio de Renato do Carmo gira em torno de uma concepção de imagem enquanto metáfora, recurso estilístico e retórico tantas vezes empregue em ciências sociais, para pensarmos a realidade social urbana. As imagens permitem, de alguma forma, pensar a cidade nas suas múltiplas facetas e escalas, com a vantagem de enquadrarem uma linguagem que atravessa fronteiras geográficas e culturais. Alega o autor que existem distintas narrativas da cidade, que envolvem formas de olhar a cidade e como tal de a representar (visualmente). Vislumbrá-la de cima ou de baixo, de frente ou de viés, mobiliza distintos aparatos epistemológicos e teóricos ao serviço de uma visão particular do mundo urbano.

A omnipresença da imagem constitui o alicerce da cidade visual, tal como é teorizada por Fabio La Rocca, que identifica no panorama urbano uma profusão de agentes, sistemas e linguagens de natureza visual. A cidade contemporânea é, deste modo, entrevista como o terreno por excelência onde se expressa a cultura ocularcêntrica e tecnologicamente complexa dos nossos dias. Os *graffiti* e a *street art*, os *outdoors*, os cartazes e ecrãs publicitários configuram-se como exemplos deste complexo circuito de produção e de circulação de significado. La Rocca sugere a existência de uma *climatologia urbana*, decorrente destas atmosferas urbanas visualmente compostas. Sempre subjacente está a ideia de que a cidade proporciona uma experiência sensorial distinta, apelando fortemente ao consumo e ao prazer visual.

A segunda parte do livro abre com uma entrevista a Michel Maffesoli, conduzida por Luciano Spinelli. A abordagem que Maffesoli faz do visual enfatiza, em consonância com o pensamento do antropólogo Gilbert Durand mas também de Durkheim, a continuidade entre a *imagem* e o *imaginário*. De acordo com Maffesoli, ambos são experienciados na expressão colectiva do neotribalismo contemporâneo, que constitui uma *forma de estar junto* típica do ser urbano. Mais especificamente, a imagem não é directamente colectiva, antes representa um *mesocosmos*, entre o individual e o colectivo (Maffesoli, 1993). Logo, as imagens não podem ser compreendidas apenas através de um mero escrutínio de conteúdo, devendo antes ser apreciadas de ponto de vista da socialidade que as suporta e lhe confere sentido.

No texto seguinte, da autoria de James Dickinson, analisam-se os murais presentes na cidade norte-americana de Filadélfia como expressões pungentes de uma cultura da violência que a assola. Uma cultura visual fortemente vinculada às rotinas e às vivências de quem habita numa cidade onde o crime faz parte do quotidiano, convertendo os murais pintados num acervo visual que perpetua a memória de muitas das vítimas da violência urbana. Dickinson identifica, de acordo com uma tipologia construída para o efeito, quatro espécies de referências visuais à violência presentes no espaço público, em função do seu grau de oficialidade e propósito celebratório. Esta tipologia assinala a existência de distintas modalidades de representação imagética da violência.

A relação próxima entre as imagens e o turismo serve de inspiração ao texto de Sandra Marques. O seu objecto de estudo é a imagem e o imaginário gastronómico da cidade de Calcutá, tal como é construído e entendido por diferentes agentes sociais e, particularmente, pelos turistas. Baseando-se na metodologia do *photo-voice*, a investigadora procura examinar as imagens (visuais e textuais) enquanto

elementos mediadores da experiência turística e das relações entre turistas e anfitriões. As representações fotográficas produzidas pelos turistas contribuem para reflectirmos sobre os modos como as imagéticas da alteridade são fabricadas e disseminadas. A exposição à comida local é também uma exposição ao contacto directo, percebido em certos contextos como perigo de contágio e de contaminação.

Associado geralmente a uma forma de poluição visual e crime, os *graffiti* têm vindo a transformar-se nas últimas décadas, dando origem a um movimento conhecido como *street art*, que começa a ser, paradoxalmente, valorizado por galerias e instâncias oficiais em diferentes partes do mundo. A *street art* mais recente demonstra como certas imagens ilegais no espaço público urbano também podem influenciar decisivamente a reputação dos lugares, convertendo-os, neste caso, em redutos catalogados como artísticos, criativos e *na moda*. Esta expressão visual urbana é o tópico de análise de Fabrício da Silveira, autor que defende que esta é uma manifestação que se tem emancipado do seu vínculo físico associado à rua para se refundar como uma gramática comunicacional multissituada e multimediática. Os *graffiti* não se constituem, por isso, como linguagem reduzida exclusivamente ao suporte urbano, revelando capacidade polimórfica, convivendo com outras esferas mediáticas e linguagens visuais.

Tomando como caso de estudo as práticas culturais dos jovens, José Simões propõe-se pensar a cidade a partir dos circuitos digitais. O autor demonstra-nos como a internet, enquanto veículo de produção e de propagação de práticas e imaginários, pode contribuir para a construção do espaço vivido pelos jovens na cidade e para as configurações imagéticas através das quais a sua cidade é representada virtualmente. O espaço urbano não se reduz, por isso, aos lugares, mas prolonga-se através de redes digitais, que preservam e reconfiguram a própria cidade.

No outro lado do espectro, as imagens, tal como foi sugerido por Brighenti na primeira parte do livro, também fazem parte dos aparatos de controlo. Catarina Frois demonstra-nos como as imagens da cidade funcionam como dispositivos ao serviço do poder. Os programas de videovigilância urbana, que começam a dar os primeiros passos no nosso país, espelham uma representação do espaço público como um terreno que deve ser fiscalizado e contido pelo poder. O desenvolvimento dos aparatos visuais de registo de imagens contribui, igualmente, para a composição de uma cidade que é continuamente captada em imagens, através de incontáveis pequenas câmaras de videovigilância. Neste sentido, todos somos um pouco actores de uma narrativa do quotidiano, cuja existência ignoramos e que apenas é controlada por aqueles que se encontram por detrás destes mecanismos invasivos.

As grandes transformações urbanas têm um impacto severo na paisagem urbana e nas vidas das pessoas que aí residem. Olavo Marques fala-nos das mutações urbanas ocorridas na cidade de Porto Alegre, nos últimos anos, em prol de uma ideologia de progresso que arrasta consigo, necessariamente, uma contínua revolução que opera na superfície visível da metrópole. A relação entre o espaço e o tempo está bem presente numa cidade que vive em torno de empreendimentos de futuro e que projecta o seu espaço visando encurtar distâncias, comprimindo o tempo. A construção de uma via rápida de treze quilómetros, que esventrou

durante anos parte da cidade, atravessando uma vintena de bairros, serve de mote ao autor para uma reflexão à volta destas questões.

Os ensaios fotográficos, que constituem a terceira parte do livro, são abertos por Luiz Achutti e Maria de Nazareth Hassen, que nos trazem o registo de uma cidade que poderíamos identificar como atípica, um espaço-tempo *sui generis*, localizado na área de Rio Grande do Sul, Brasil. Estes autores, através de uma narrativa escrita e visual, relatam-nos a história de Itapuã, originalmente associada à colónia de leprosos que aí foi erguida e que, em anos mais recentes, tem assistido a uma gradual reabilitação da sua imagem, como consequência da importância ecológica do seu ambiente natural. Um lugar de contrastes e paradoxos, captado pelas objectivas destes autores.

Lorenzo Tripodi percorre várias cidades de diferentes países para construir uma tese em torno da ideia de uma cidade de telas. Argumenta este autor que as superfícies urbanas se têm convertido em rectângulos animados, que nos oferecem novos mundos e visões, numa cidade subjugada ao espírito do consumo. É precisamente esse o argumento que se encontra na base do *urbanismo vertical* analisado, quando salienta a crescente preponderância da verticalidade para a economia simbólica urbana, para a troca de significados numa *cidade cinematográfica*. Encontramo-nos, de alguma forma, perante a supremacia da lógica do ecrã, também identificada por Fabio La Rocca no seu texto precedente.

Luciano Spinelli parte da ideia de uma cidade polifónica — múltiplas vozes, que se fundem e que se degladiam no espaço urbano — para nos trazer um retrato simultaneamente sociológico e pessoal sobre a cidade de Paris. As suas imagens podem, desta forma, ser interpretadas como mais uma voz, atenta à polifonia da metrópole pós-moderna. O alvo da sua câmara é o metropolitano de Paris, que liga diferentes lugares urbanos e acolhe diariamente um fluxo contínuo de pessoas, o que lhe confere uma atmosfera visual muito particular. Descer às profundezas deste espaço é, também, penetrar novos horizontes imagéticos, que podem ser retratados visualmente.

Numa obra recente, José Machado Pais sugeria que “a vida quotidiana é um terreno onde se vive a experiência antropológica do olhar, de uma vadiagem de olhar — teoricamente sensível”, afirmando, conseqüentemente, que o visual é “um ‘centro polimórfico’ que deve ser interpretado, mas também pode ser meio de interpretação: ‘objecto e método’ de pesquisa” (Pais, 2008: 20). Tomamos estas palavras de empréstimo pois elas condensam, em grande medida, aquilo que nos inspirou no início deste projecto. Permitir a *vadiagem do olhar* aos cientistas sociais, oferecer-lhes a possibilidade de reflectirem sobre os seus processos e os objectos do seu mirar. É isto, igualmente, que propomos ao leitor. Que olhe, através (e para além) das palavras e fotografias aqui reunidas, para o papel que, actualmente, os domínios da visualidade e da visibilidade adquirem no nosso quotidiano.

Referências bibliográficas

- Ball, Michael, e Gregory Smith (1992), *Analysing Visual Data*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Becker, Howard (1974), "Photography and Sociology", *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, 1, pp. 3-26.
- Becker, Howard (1995), "Visual sociology, documentary photography, and photojournalism: it's (almost) all a matter of context", *Visual Sociology*, 10 (1/2), pp. 5-14.
- Berger, John, e outros (1972), *Ways of Seeing*, Londres, BBC & Penguin Books.
- Benjamin, Walter ([1935]1997), "Paris: capital do século XX", em Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta, pp. 67-83.
- Brighenti, Andrea Mubi (2007) "Visibility: a category for the social sciences", *Current Sociology*, 55 (3), pp. 323-342.
- Brighenti, Andrea Mubi (ed.) (2009), *The Wall and the City/Le Mur et la Ville/Il Muro e la Città*, Trento, Professionaldreamers.
- Brighenti, Andrea Mubi (2010), *Visibility in Social Theory and Social Research*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.
- Brighenti, Andrea Mubi, e Ricardo Campos (2008), "Introdução: os interstícios urbanos", dossiê "Explorando os interstícios urbanos", *Fórum Sociológico*, 18, pp. 11-12.
- Campos, Ricardo (2008), "Onde é que eu já vi isto? Imagens e imaginários num planeta familiar", em Renato do Carmo, Ruy Blanes e Daniel Melo (org.), *A Globalização no Divã, Tinta-da-china*, Lisboa, pp. 109-126.
- Campos, Ricardo (2009a) "All city: graffiti europeu como modo de comunicação e transgressão no espaço urbano", *Revista de Antropologia*, 52 (1), pp. 11-47.
- Campos, Ricardo (2009b), "A imagem é uma arma: a propósito de riscos e rabiscos no Bairro Alto", *Arquivos da Memória*, 5/6 (nova série), pp. 47-71, [<http://www.ceep.fcsh.unl.pt/ArtPDF/RicardoCamposAM5.pdf>].
- Campos, Ricardo (2009c), "Movimentos da imagem no graffiti: das ruas da cidade para os circuitos digitais", em Renato do Carmo e José Simões (org.), *A Produção das Mobilidades: Redes, Espacialidades e Trajectos*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, pp. 91-112.
- Campos, Ricardo (2009d) "On urban graffiti: Bairro Alto as a liminal place", em Andrea Mubi Brighenti (ed.), *The Wall and the City*, Trento, Professionaldreamers, pp. 135-151.
- Campos, Ricardo (2010a), *Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica ao Graffiti Urbano*, Lisboa, Fim de Século.
- Campos, Ricardo (2010b), "Propostas para uma antropologia da comunicação visual urbana", *Siranda — Revista de Estudios Culturales, Teoría de los Medios e Innovación Tecnológica*, 3 (3), pp. 111-128.
- Certeau, Michel de (1984), *The Practice of Everyday Life*, Berkeley, Los Angeles, Londres, University of California Press.
- Chaplin, Elizabeth (1994), *Sociology and Visual Representation*, Londres e Nova Iorque, Routledge.

- Denis, Jérôme, e David Pontille (2010), *Petite Sociologie de la Signalétique: Les Couloirs des Panneaux du Métro*, Paris, Les Presses Mines.
- Ewen, Stuart, (1988), *All Consuming Images: The Politics of Style in Contemporary Culture*, Nova Iorque, Basic Books.
- Featherstone, Mike (1991), *Consumer Culture and Postmodernism*, Londres, Newbury Park, Nova Deli, Sage Publications.
- Füzesséry, Stéphane, e Philippe Simay (ed.) (2008), *Le Choc des Métropoles: Simmel, Kracauer, Benjamin*, Paris e Telavive, Edition de l'Éclat.
- Giddens, Anthony (1992), *As consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta.
- Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- Goodwin, Charles (1996), "Transparent vision", em Ochs, Schegloff e Thompson (eds.) *Interaction and Grammar*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 370-404.
- Latour, Bruno, e Peter Weibel (eds.) (2002), *Iconoclash: Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art*, Cambridge, MA, MIT Press.
- Maffesoli, Michel (1987), *O Tempo das Tribos: Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- Maffesoli, Michel (1993), *La Contemplation du Monde: Figures du Style Communautaire*, Paris, Grasset.
- Mirzoeff, Nicholas (1999), *An Introduction to Visual Culture*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- Mitchell, Thomas (1986), *Iconology*, Chicago, University of Chicago Press.
- Pais, José Machado (2008), "Introdução. O visual e o quotidiano: razões de um encontro", em José Machado Pais, Clara Carvalho, Neusa Mendes de Gusmão (org.), *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 175-205.
- Pauwels, Luc (2006), "A theoretical framework for assessing visual representational practices in knowledge building and science communications", em Luc Pauwels (ed.), *Visual Cultures of Science*, Hannover, Londres, Dartmouth College Press, pp. 1-25.
- Prosser, John (2000), "The status of image-based research", em Jon Prosser (ed.), *Image-Based Research: A Sourcebook for Qualitative Researchers*, Londres, Routledge & Falmer Press, pp. 97-112.
- Ribeiro, José (2004), *Antropologia Visual: da Minúcia do Olhar ao Olhar Distanciado*, Porto, Afrontamento.
- Ruby, Jay (1996), "Visual Anthropology", em David Levinson e Melvin Ember (eds.), *Encyclopedia of Cultural Anthropology*, Nova Iorque, Henry Holt and Company, 4, pp. 1345-1351.
- Schacter, Rafael (2008), "An ethnography of iconoclash", *Journal of Material Culture* 13 (1), pp. 35-61.
- Simmel, Georg ([1908]1981), "Essai sur la sociologie des sens", em Georg Simmel, *Sociologie et Épistémologie*, Paris, PUF, pp. 223-238.
- Simmel, Georg ([1903]1997), "A metrópole e a vida do espírito", em Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta, pp. 45-65.
- Wirth, Louis ([1938] 1997), "O urbanismo como modo de vida", em Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta, pp. 45-65.